

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
BACHARELADO EM TEOLOGIA

GILSON LUIZ PEREIRA

O HOMEM: UM SER DE NECESSIDADES

ANÁPOLIS – GO  
2018

GILSON LUIZ PEREIRA

O HOMEM: UM SER DE NECESSIDADES

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção de nota em Teologia, sob a orientação do prof. Dr. Frei Flávio Pereira Nolêto.

ANÁPOLIS – GO  
2018

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

GILSON LUIZ PEREIRA

O HOMEM: UM SER DE NECESSIDADES

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção de nota em Teologia, sob a orientação do prof. Dr. Frei Flávio Pereira Nolêto.

Data da aprovação \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Flávio Pereira Nolêto

Dedico este trabalho  
aos meus amigos do  
Seminário Maior São  
José de Uruaçu, aos  
meus professores, aos  
Padres, e em especial  
aos meus Pais.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por ter me dado força e disposição para a conclusão desse trabalho.

Agradeço aos professores do Instituto, que estiveram sempre dispostos em ajudar-me na elaboração do mesmo.

Desejo agradecer, enfim, ao meu orientador, que me orientou no desenvolvimento de todo esse trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2</b>	<b>O HOMEM NECESSITA DO OUTRO PARA SER VERDADEIRAMENTE ELE</b> .....	08
2.1	Quem é o homem?.....	08
2.2	O homem necessita do outro para ser verdadeiramente ele.....	11
2.3	A necessidade da atuação do ser é o impulso que move à ação.....	12
<b>3</b>	<b>A FELICIDADE HUMANA NÃO CONSISTE NO PODER ACIDENTAL</b> .....	14
3.1	A felicidade.....	14
3.2	A felicidade humana não consiste no poder acidental.....	14
<b>3.2.1</b>	<b>O fim último subjuntivo</b> .....	15
<b>3.2.2</b>	<b>O fim último objetivo</b> .....	15
<b>4</b>	<b>O HOMEM E O TRANSCENDENTE</b> .....	17
4.1	O homem, um ser que necessita de Deus.....	17
4.2	O homem e o transcendente.....	18
4.3	O futuro do homem está no transcendente e não no imanente.....	20
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	22
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	24



## 1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, na história do pensamento filosófico o problema da insaciabilidade humana aparece nas mais diversas etapas do seu desenvolvimento. Contudo, a intenção primordial desse trabalho, é de apresentar o homem como um ser que necessita - para se sentir pleno - de um outro totalmente outro, ou seja, de um ser que transcenda essa realidade, um ser absoluto, a suma verdade, a plena felicidade.

Assim, na busca de conhecer o homem percebe-se que esse no seu íntimo necessita sempre se relacionar com os outros entes, é graças a esse relacionamento que ele descobre quem verdadeiramente é. No entanto, descobrindo quem verdadeiramente é, o homem automaticamente pode elevar-se para o absoluto, onde se concretiza toda a sua realização como pessoa humana. O homem jamais excluirá os valores e a própria verdade na qual ele busca, pois, tudo isso sai de uma única fonte que é o Ser Absoluto "Deus". Pelo fato do homem aproximar do ser absoluto o mesmo não deixa de lado tudo que o cerca.

Portanto, quanto mais o homem se entrega a busca pela transcendência, mas ele será, pois terá uma capacidade maior de compreender e desenvolver toda a sua busca. Respondendo assim, a sua insaciabilidade.

Neste trabalho que tem como tema o homem como ser de necessidade, aborda os principais aspectos da realidade humana. Observando a realidade da humanidade, pode-se concluir que a pessoa é um ser insaciável (insatisfeito) nunca está plenamente feliz do que é e nem do que tem... sempre procura mais

Assim procurando estudar São Tomás de Aquino, Ramos Lucas Lucas, Aristóteles, Jolivet, Santo Agostinho, Karol Wojtyła, Rabuske, procura neste então esclarecer como se dá a realidade da pessoa humana, pois o homem ou a pessoa é uma substância individual de uma natureza racional.

Este relatório é de cunho bibliográfico e tem como premissa apresentar a necessidade do homem pelo sentido da vida, sendo que o mesmo se mostra sempre insatisfeito com a sua condição e busca de todas as formas sentir-se completo. Abordar-se-á também a busca por uma definição do eu verdadeiro, e principalmente que o homem passe a reconhecer que ele necessita de Deus.



No decorrer do primeiro capítulo será abordado o homem e sua complexidade, como ele se comporta e principalmente como ele se interage. O homem não nasce definido, pré-moldado ou mesmo completo, mas como será observado no decorrer do capítulo ele se constrói e se constitui na experiência histórica. No segundo capítulo abordar-se a busca pela felicidade, no qual o homem ao se sentir incompleto busca meios para sanar tal ausência. É possível observar duas variáveis: uma subjetiva no qual o indivíduo busca uma felicidade em geral; a outra objetiva, onde consiste no bem concreto.

No terceiro capítulo a busca do homem frente a suas limitações no que se refere ao seu fim último, compreendendo assim a necessidade de Deus. Levando o mesmo a questionar sobre o significado do “fim” da existência, sobre a dor e a morte e se mesmo diante de todas as dificuldades vale realmente a pena viver. visa mostrar o homem e o transcendente, pois vive-se tempos em que muitos acontecimentos estão sendo esquecidos, como o de Deus e o do ser, o da alma e da dignidade do homem. Tais esquecimentos de angústia levam o homem a buscar respostas ricas em verdade e esperança.

## **2 O HOMEM NECESSITA DO OUTRO PARA SER VERDADEIRAMENTE ELE**

### **2.1 QUEM É O HOMEM**

Não existe um termo melhor para qualificar o ser do homem do que o termo *persona*. Com esse termo, segundo São Tomás, se designa aquilo que há de mais perfeito no universo: *Dicendum quod Persona significat id quod est perfectissimum in tota natura: scilicet subsistens in rationali natura. (pessoa significa o que a de mais perfeito de toda natureza, isto é, o que subsiste em a natureza racional.)* (S Th. I, q. 29, a. 3). E no universo, nós sabemos, não existe nenhum outro ser mais perfeito do que o homem.

Utilizamos o termo pessoa somente ao homem, este nós não o atribuímos ao cão, ao cavalo, ao gato e nem mesmo às plantas e as pedras.

Mas o que se entende, precisamente, com esse termo?

Várias são as definições propostas, porém, podem ser reunidas em três grupos:

- A) definições psicológicas, que são aquelas apontadas por Descartes, Hume, Fichte e, que identificam a pessoa com a auto-consciência;
- B) definições dialógicas: são aquelas de Mounier, Ricouer, Levinas, Buber, que afirmam consistir a pessoa na capacidade de dialogar com os outros;
- C) definições ontológicas, que afirmam ser a pessoa a própria essência, a substância, ou mesmo, o ser do homem.

O nosso argumento sobre a cultura, a liberdade e a espiritualidade se propõe a definir a pessoa como ser subsistente na ordem do espírito. O homem, como se viu, é espírito, mas é pessoa justamente porque subsiste na ordem do espírito. O espírito nele não é um acidente, mas a sua substância. A substância do homem é a alma, e a alma pertence à ordem do espírito.

Graças à sua subsistência na ordem do espírito, o homem é ao mesmo tempo, um ser fechado em si mesmo, enquanto subsistente, e extremamente aberto e excêntrico enquanto é espírito. Assim, o espírito goza de uma abertura sem limites, infinita. Enquanto espírito ele pode entrar em comunicação com os outros espíritos.

Mas a subsistência espiritual do homem e, portanto, a sua pessoa e a sua unicidade inviolável possuem características peculiares que são aquelas que determinam e explicam as primeiras duas definições que demos sobre o homem, como ser cultural e como ser livre. Acima de tudo, é um espírito encarnado e, em segundo lugar, é um espírito finito.

Em primeiro lugar a subsistência espiritual do homem é essencialmente e substancialmente ligada à matéria. O espírito do homem se hipostática no corpo. O corpo humano é um corpo sexuado e a sexualidade desenvolve no homem uma pluralidade de funções, entre as quais aparece aquela personalística: a sexualidade é dada ao homem primeiramente para realização de sua pessoa e, na maior parte dos casos, para realização da pessoa através de um correto uso da genitalidade.

Em segundo lugar a substância espiritual do homem é uma subsistência finita: o homem é um espírito finito, ainda que seja próprio do espírito tender ao infinito. É a finitude do espírito humano, voltada ao infinito, que busca o caminho que ele deve percorrer no cultivo de si mesmo, em vista de sua plena realização.

Enquanto espírito encarnado e finito, o homem se encontra associado aos outros espíritos encarnados e finitos. Por isso, a sua existência e a sua auto-realização são essencialmente ligadas à existência e à realização dos outros espíritos encarnados que são o seu próximo.

Sistema di riferimento "il prossimo" há un significato fondamentale tra tutti i sistemi derivanti dalla comunità umana, in quanto li sovrastra tutti per portata, semplicità e profondità. Esso indica contemporaneamente la pienezza della partecipazione, non ancora indicata dal fatto di essere membro di una comunità. Sistema di riferimento il prossimo spiega in qualche modo fino in fondo ciò che è contenuto in qualsiasi sistema del tipo membro della comunità<sup>1</sup> (Wojtyła, 1980, p 331).

Portanto, a categoria da proximidade nos faz apreciar algo de mais absoluto. De fato, continua K. Wojtyła:

*O concetto di "prossimo" è legato all'uomo in quanto tale e al valore della persona senza tener conto di qualsiasi riferimento a questa o a quella comunità o società. O concetto di prossimo tiene conto della sola umanità, di cui io sono in possesso come lo è ogni altro uomo. O concetto di prossimo crea dunque la più ampia piattaforma comunitaria che va più lontano di qualsiasi diversità, tra l'altro anche di quella che risulta dall'essere membro di varie comunità umane<sup>2</sup> (1980, p.328).*

Todos os estudiosos que exploraram a estrutura da proximidade concordam em dizer que ela é uma relação primária que se radica diretamente na essência própria da pessoa, porque se impõe, de per si, imediatamente no encontro com o outro. Por este motivo, constitui o fundamento último da moral.

A realização de si mesmo passa necessariamente através do próximo. Por esse motivo, para definir adequadamente a pessoa, não basta à subsistência nem a

---

<sup>1</sup> O sistema de referência, o próximo, tem um significado fundamental entre todos os sistemas derivados da comunidade humana, pois supera a todos, pela dimensão, simplicidade e profundidade. Ele indica, ao mesmo tempo, a plenitude da participação, não indicada pelo fato de ser membro de uma comunidade. O sistema de referência "próximo" explica de todo modo, em profundidade, aquilo que é contido em qualquer sistema do tipo membro da comunidade.

<sup>2</sup> O conceito de próximo é ligado ao homem, enquanto tal, sem levar em conta qualquer referência a esta ou aquela comunidade ou sociedade. O conceito de próximo leva em conta só a humanidade, da qual sou um possuidor, como o é cada outro homem. O conceito de próximo cria, assim, a mais ampla plataforma comunitária que vai além de qualquer diversidade com o outro, e que vai muito além daquela que acontece porque se é membro das várias comunidades humanas.

coexistência, é necessário também a proexistência, e o âmbito desta proexistência é o próximo. Portanto, o próprio crescimento espiritual, que é o crescimento na dimensão mais profunda da pessoa, se consegue, não amando a si mesmo, mas o próximo e, através do próximo, Deus mesmo, fonte de todo amor.

## 2.2 O HOMEN NECESSITA DO OUTRO PARA SER VERDADEIRAMENTE ELE

O ser humano é ser-no-mundo, que se relaciona com os outros, “*eu e minhas possibilidades*” (Ortega Y Gasset) eu e minhas circunstâncias.

A realidade da vida cotidiana é partilhada com outros, vivemos em constante contato com os outros homens, na comunicação e na interação. Mas, a presença maciça do outro acontece na situação face a face. Aí a subjetividade do outro me é acessível mediante o máximo de sintomas e expressões.

O outro é um mediador, que permite descobrir a mim mesmo como sou constitutivamente. O homem da interioridade passa pelo outro, o caminho da interioridade passa pelo outro. O homem é um ser que implica o ser do outro em seu ser. O homem é ser para o outro!

Não há como avaliar o homem sem relacioná-lo com as coisas ao seu redor. O homem não está só, ele sempre está em relação com o outro. Isso é concordável no âmbito social, mas, não no aspecto puramente psicológico, nesse sim existe momento de solidão.

No entanto, analisando a intersubjetividade o nosso viver no mundo faz parte de uma realidade muito próxima que gera experiência com outras pessoas, criando história para o outro.

O justo equilíbrio revela uma abertura rumo ao outro - apesar da unicidade do homem, de ser individual - o homem é aberto ao outro. O ser humano tem o desejo radical de companhia, uma necessidade do outro, e graças a esse desejo de companhia, de estar junto, mescla-se o desejo de solidariedade.

É importante destacarmos que essa realidade - do eu e do tu - só acontece com os homens. Portanto, aí está o fundamento de toda estrutura social.

O eu se torna ele mesmo através de um tu. Há um recíproco apelar em responder. O eu e o tu se atinge no seu em-si, há um encontro no sentido forte do termo. Quando um encontro adquire de forma duradoura denomina-se comunidade (Rabuske, 1995, p.153).

O fundamento do altruísmo, solidariedade, do desejo de um amigo, etc, é o que prova que somos incompletos, e o outro irá me completar. De tal modo, o homem precisa do outro, tanto físico-corporal quanto psíquico-espiritual. O homem sempre vai precisar do outro, de algo mais, porque é espírito encarnado. Por assim ser, não ficará satisfeito neste mundo, e tenderá ao espiritual.

Todos os homens são iguais na sua essência e, se são iguais na sua essência, tendem a se aperfeiçoarem. Contudo, cada um possui sua particularidade. Isso porque somos espírito encarnado. No entanto, pelo fato de ser espírito encarnado eu necessito do outro, mas não somente eu preciso do outro, o outro também precisa de mim e isso gera o bem comum.

Em síntese, somente o ser racional é capaz de se questionar e se relacionar com o outro. É graças a esse outro que reconheço quem sou. O outro não pode ser visto como um peso, mas como uma completude. Não negativamente, mas pelo bem comum.

### 2.3 A NECESSIDADE DE ATUAÇÃO DO SER É O IMPULSO QUE MOVE A AÇÃO

O ser humano é um ser que não nasce definido, pré-determinado, pré-moldado, mas se constrói e se constitui na experiência histórica. É um ser nunca pronto, inacabado, um ser de projeto. Nasce frágil e ignorante, mas por possuir potencialidade, racionalidade, intersubjetividade, substância individual de natureza racional, é o mais importante dos seres. Um ser que transcende os limites impostos pela sua corporeidade e pela natureza e é capaz de projetar-se para mais além.

De fato, o ser humano é um ser insaciável, ele sempre busca mais; é um ser que necessita de atuação para impulsionar a ação. Portanto, isso é uma prova da transcendência que se consolida também a propriedade da personalidade. Sobre a qual tanto insistem os filósofos do nosso tempo: a dinamicidade. Eles mostraram que a pessoa não é um resultado já acabado desde o nascimento, mais é, antes uma mina riquíssima de possibilidade, pelo qual a pessoa é, em larga medida, uma conquistadora. Ora, como ilustração amplamente tanto na parte fenomenológica quanto na parte metafísica, é justamente a autotranscedência que leva o homem

continuamente para além do que já é e possui, propondo-lhe sempre novos objetivos e novas conquistas.

Assim pode-se concluir, com base na atualidade, que o ser humano nunca evoluiu tanto como hoje, porém, nunca foi tão infeliz. Mas onde se encontra a felicidade?

### 3. A FELICIDADE HUMANA NÃO CONSISTE NO PODER ACIDENTAL

#### 3.1 A FELICIDADE

É o bem apreciado subjetivamente, é eticamente como um estado de alma a alcançar. É o estado psíquico resultante do bem adquirido. São nuances, prazer e gozo.

O sentido etimológico original indo-europeu da raiz *dai* - é o dividir, repartir, partilhar. Dali o grego *daimon* (que divide os destinos) e *eudaimonia* (felicidade).

Dado o carácter subjetivo da felicidade, o termo soa de maneira mais grata, que o do bem. Chama-se felicidade principalmente o resultado do bem perfeito, que torna feliz em absoluto.

Dentro do espírito aristotélico o fim está antes de tudo no Bem, porquanto a felicidade como uma decorrência, é algo acidental ainda que aperfeicoativo e profundamente desejado pela natureza humana. Todavia, porque a felicidade depende diretamente do bem adquirido, pode-se dizer que materialmente coincidem. Nesta acepção concreta, o fim está na felicidade, tão bem quanto está no bem.

#### 3.2 A FELICIDADE HUMANA NÃO CONSISTE NO PODER ACIDENTAL

O homem busca necessariamente a felicidade. O que quer dizer, o bem em geral, enquanto o oposto, ou seja, o mal não atrai toda vontade.

A felicidade não reside, por conseguinte, na recreação, e seria mesmo estranho que a recreação fosse o fim, e um homem devesse passar trabalhar e suportar agruras durante a vida inteira simplesmente para divertir-se. (Aristóteles, X, c VI, 28 – 29)

A felicidade: eis, portanto, um bem supremo. Mas se todos os homens desejam necessariamente a felicidade com bem supremo, não são todos unânimes em colocar a felicidade nos mesmos bens concretos. Uns pensam achá-la nos bens corporais, outros no exercício das faculdades intelectuais, outros nas virtudes, outros no conjunto de bens finitos etc. É possível, pois, distinguir duas espécies de fins últimos: uma subjetiva, que consiste na busca da felicidade em geral; outra, objetiva,

que consiste no bem concreto, na posse do qual o homem pensa encontrar a felicidade.

### 3.2.1O FIM ÚLTIMO SUBJUNTIVO

Este consiste na busca da felicidade em geral, Jolivet disse:

É por definição, aquilo o que a natureza tende como ao termo último de sua perfeição, a seu bem total e absoluto, na posse do qual todos os seus desejos serão tranquilizados e saciados e pelo qual seremos, tão perfeitamente quanto possível. (1970, p.356)

Esta perfeição se traduz para nós pela felicidade completa, porque a perfeição, não é somente o bem, mas também “nosso” bem.

A felicidade: tal é, pois, o fim último subjetivo, o aspecto sob o qual todo bem tomado como fim é visto e desejado. Quaisquer que sejam os bens concretos em que o homem pensa achar sua plenitude a seu repouso, lhe aparecem necessariamente como fonte de beatitude e se identificam com a beatitude. Este fim último subjetivo, o homem o quer com uma tendência instintiva e fatal, e diz Pascal, mesmo não pode renunciar tanto à felicidade quanto ao próprio ser.

### 3.2.2 O FIM ÚLTIMO OBJETIVO

Mas qual é, entre todos os bens que solicitam o homem, aquele que lhe trará a felicidade perfeita, para a qual tendem todos os seus desejos? Qual é, objetivamente, o verdadeiro bem, fonte da verdadeira felicidade? Só pode ser um bem absoluto, quer dizer, último e almejado por si mesmo, excluído de todo o mal, estável, e ao alcance de todos. Esta última condição se lhe impõe com evidência, porque o desejo da felicidade nasce da natureza e o bem que o saciará deve ser comum a todos aqueles que participam da mesma natureza, isto é, todos os homens.

Nestas condições:



a) Nenhum dos bens criados deste mundo pode ser o supremo bem. Ciência, virtude, honrarias, saúde, riquezas. Porque são instáveis, por suas naturezas associadas a males diversos, encerram o labor e não são comuns a todos.

b) O próprio conjunto dos bens criados não pode constituir o bem supremo, nem, por conseguinte, satisfazer ao desejo profundo do homem, porque estes bens tomados em bloco participam da fragilidade e da relatividade dos bens particulares, que eles totalizam.

O bem, sendo o termo da tendência e do desejo, aparece então como sendo, por si, ser e perfeição, pois todos os seres desejam a perfeição do seu ser.

c) apenas Deus é nosso bem supremo. Ele nos pode tornar felizes, porque somente Ele realiza o bem perfeito, que a inteligência concebe e ao qual aspira a vontade. *“Vos fizestes nosso coração para Vós, ó meu Deus, e nosso coração estará inquieto até que repouse em Vós” (Agostinho; 2003, p.19).*

Assim, o fim e o bem coincidem: todo fim é um bem e todo bem é ou pode ser um fim.

## 4 O HOMEM E O TRANSCENDENTE

### 4.1 O HOMEM, UM SER QUE NECESSITA DE DEUS

Todos homens perguntam pelo sentido de sua vida, não importando a terminologia que empregam. Assim, se comprova as palavras, já citadas, de Santo Agostinho, onde o homem, por ser racional e por perceber sua limitação frente ao seu fim último, compreende a necessidade de Deus que se manifesta na natureza de nosso eu enquanto se exprime em certas perguntas: Qual é o significado último da existência? Por que existem a dor e a morte? Por que no fundo, vale a pena viver?.

Quem não tem valores e fins válidos, que dão à sua vida sentido e orientação, este não sabe mais, em tudo isto, nem por que nem para onde. Sente um vazio interior, um profundo mal-estar e se revolta contra isto. Na inquietação fermentante do nosso tempo, com todos os protestos e revoltas estrondosas, em que em geral permanece velado contra que se levantam e principalmente a favor de que se engajam, abre-se um abismo de vazio interior, caos de desorientação sem-sentido. No fundo, é uma explosão de niilismo no protesto contra si mesmo: contra tudo que não preenche este vazio interior e não salva desta falta de sentido em que se está. É uma expressão, mesmo se muitas vezes perplexas e desamparadas, da ardente pergunta pelo sentido da vida: por um sentido último da vida humana inteira no mundo, realmente válida, sustentador e orientador (Coreth apud Rabusk, 1995, p.210).

A transcendência do homem evita que este seja totalmente prisioneiro da fragilidade. De certo modo, o homem compensa as restrições da finitude, atualizando as possibilidades proporcionadas pela dimensão transcendental.

La trascendencia es la estructura fundamental del hombre, y esta estructura, que se afirma implícitamente en todo conocimiento y acción humanos, es lo que en una palabra se llama espiritualidad. El hombre es espíritu, o sea, vive su vida en continua apertura hacia el Absoluto. Con esto hemos afirmado la tesis, se trata ahora de exponer su justificación y sentido (LUCAS; 1999, p. 288).

A transcendência é superação ontológica. É passagem de um nível para outro. É o salto que alcança a outra margem. É o inextinguível que sobrevive às cinzas. Portanto, é indiscutível que o homem procure autotranscender-se e tem a

tendência incontrolável de superar-se a si mesmo, de ir além do que é faticamente, de realizar ulteriores possibilidades. Trata-se, inicialmente, duma transcendência horizontal, histórica: o homem projeta-se para um futuro melhor. Mas, se corresse apenas para um futuro que sempre foge, a vida seria absurda. No interior da transcendência horizontal deve haver uma transcendência vertical, para além da finitude. A corrida para frente é apenas uma manifestação da procura do Absoluto, que confere estabilidade, plenitude e sentido e que já está presente no interior do movimento.

Não poder estar satisfeito com nenhuma coisa terrena, nem, por assim dizer, com a terra inteira; considerar a amplitude inestimável do espaço, o número e a construção maravilhosa dos mundos, a achar que tudo é pouco e pequeno para a capacidade da sua própria alma; imaginar infinito o número dos mundos, e o universo infinito, e o sentir que a alma e o nosso desejo seriam ainda maiores do que tão grande universo; e sempre acusar as coisas de insuficiência e maldade, e sentir carência e vazio e, portanto, tédio, parece-me o maior sinal de grandeza e nobreza que se vê na natureza humana (Leopardi apud Giussani, 1988, p.73).

Experimentamos na auto-realização pessoal uma exigência absoluta. Em vários lugares do nosso estudo chegamos a afirmações duma incondicionalidade: nas idéias de verdade, de bem, de valor moral, de dignidade da pessoa e outras. O homem somente se realiza na medida em que vai para além de si mesmo e responde a apelos absolutos. Isto pressupõe um fundamento absoluto, que constitui o horizonte inteiro do sentido e que, por isto, não pode ser um conteúdo particular no âmbito deste horizonte. Deve ser uma grandeza transcendente - o Transcendente. Para poder fundar e garantir também o sentido da existência humana pessoal deve ser um fundamento-de-sentido pessoal, um tu absoluto. No entanto, compreendemos alguma coisa do que é visado com palavra Deus, quando se dá conta de que se trata duma resposta à angustiante pergunta pelo sentido da vida.

#### 4.2 O HOMEM E O TRANSCENDENTE

Hoje, em paralelo com as maravilhosas descobertas científicas e com os surpreendentes progressos tecnológicos, não faltam no panorama da cultura e da investigação sombras e lacunas. Estamos a assistir a alguns grandes esquecimentos: o de Deus e o do ser, o da alma e da dignidade do homem. Isto

gera por vezes situações de angústia, às quais é necessário oferecer respostas ricas de verdade e de esperança.

Antes de mais, para obter tais respostas, é necessário voltar à metafísica. Na Encíclica *Fides et ratio*, entre as exigências e tarefas atuais da filosofia, João Paulo II disse: é necessária uma filosofia de alcance autenticamente metafísico, isto é, capaz de transcender os dados empíricos para chegar, na sua busca da verdade, a algo de absoluto, definitivo, básico (1998, p.86). O tema, postula uma reflexão metafísica. De fato, no ser, a verdade tem o seu fundamento, e, o bem tem a sua consistência. Entre o ser, a verdade e o bem Tomás descobre uma circularidade real e profunda.

Na compreensão do bem se encontra também a solução para o mistério do mal. No célebre artigo da *Summa Theologiae* sobre os cinco caminhos pelos quais a inteligência humana alcança a existência de Deus, ele reconhece como grande obstáculo neste caminho à realidade do mal no mundo.

O ato numericamente o mesmo, como procedente, uma vez, do agente, só se ordena a um fim próximo que o especifica; pode porém ordenar-se a vários fins remotos, dos quais um é fim do outro. É contudo possível seja um ato uno, quanto à natureza específica, ordenado a diversos fins da vontade. Assim o ato uno, quanto à natureza específica, de matar um homem, pode ordenar-se ao fim de conservar a justiça e o de satisfazer à ira. Donde, segundo a espécie moral, serão diversos os atos; pois, um será virtuoso e outro, vicioso. Pois, o movimento não se especifica pelo termo accidental, mas pelo termo em si. Ora, fins morais são accidentais ao que é natural; e inversamente, a essência do fim natural é accidental ao moral. Por onde, nada impede que atos idênticos pela natureza específica sejam diversos pela espécie moral, e inversamente. (S. Th. I, q.1, a 3)

Muitos dos nossos contemporâneos perguntam-se: Se for verdade que Deus existe, como é possível que permita o mal? Então é necessário fazer-lhes compreender que o mal é privação do bem devido, e o pecado é aversão do homem a Deus, fonte de qualquer bem.

Um problema antropológico, tão central para a cultura de hoje, não encontra uma solução a não ser na luz daquela que poderíamos definir meta-antropologia. Isto é, trata-se da compreensão do ser humano como ser consciente e livre, que ao mesmo tempo é e se torna. Conciliam-se nele as diversidades; o um e os muitos, corpo e alma, homem e mulher, pessoa e família, indivíduo e sociedade, natureza e história.

Para estar em consonância com Deus ocorre, antes de mais, que a filosofia volte a encontrar a sua dimensão sapiencial de procura do sentido último e global da vida. Esta primeira exigência, por sinal, constitui um estímulo utilíssimo para a filosofia se conformar com sua própria natureza. Deste modo, ela não será apenas aquela instância crítica decisiva que indica, às várias partes do saber científico, o seu fundamento e os seus limites, mas representará também a instância última de unificação do saber e do agir humano, levando-os a convergirem para um fim e um sentido definitivos (João Paulo II, p 85, 1998).

O homem, que recebeu de Deus como dom a existência, tem nas suas mãos a tarefa de a gerir em conformidade com a verdade, descobrindo o seu autêntico sentido.

Portanto, a cultura do nosso tempo fala muito do homem e dele sabe muitas coisas, mas com freqüência dá a impressão de que ignora o que ele é verdadeiramente. “Deus fez o homem a imagem de sua própria natureza(Sb 2,23). De fato, o homem só se compreende plenamente à luz de Deus. Ele é imagem de Deus, criado por amor e destinado a viver na eternidade em comunhão com Ele.

#### 4.3 O FUTURO DO HOMEM ESTÁ NO TRANSCENTE E NÃO NO IMANETE

A necessidade de que o movimento de autotranscendência tenha um sentido de ser é a constatação de que o homem, ser que mesmo incoerentemente, direcionado rumo ao absoluto, em busca de um futuro, de um fim ou um sentido para existência.

A autotranscendência, que manifesta uma pulsão para o infinito e para o eterno, tem um sentido enquanto é dirigida para Deus, que é ao mesmo tempo sua fonte e sua realização conclusiva. Portanto, o homem não sai dos confins do próprio ser para aprofundar-se no nada; ele sai de si e mergulha em Deus, que é o único ser capaz de levar o homem à perfeita realização de si mesmo.

È preciso reconhecer que o impulso para o Ideal não é possível e não tem significado a não ser pela presença, que atrai e inspira, do Ideal subsistente, ou, dando-lhe o nome com o qual é invocado pela consciência religiosa, de Deus. É ele e só ele – o Outro absoluto e, embora dando-me a mim mesmo, me arranca do meu próprio eu; é a presença que introduz em mim um princípio de tensão interior e de ultrapassagem. (Finance apud Mondin, 1997, p 407)

Assim, longe de ser o fundamento do Ideal, a mente, é o homem que encontra no Ideal o seu fundamento último.

Os positivistas, os marxistas e etc. contrapõem a transcendência horizontal (história) à vertical (metafísica). Negando a transcendência de Deus, a uma criação da subjetividade humana. Deus só existe porque o homem, na sua busca de absoluto, precisou de o criar.

Deus não passa de uma projeção do homem. Mas, sequer examina seriamente qualquer outra hipótese. Por isso, religião não passa de produção e alienação do homem. O homem cria a religião. Marx quer detectar as causas que geram o conflito originante da religião e superá-las, destruindo-as. O homem pensa e Deus ajuda. Para Marx, Deus é apenas consolação interesseira (Marx apud Zilles, 1991, 125).

Mas isso é uma atitude descaída, pois, como pode um ser contingente criar um incontingente, um limitado criar um ilimitado, um imanente criar um transcendente. O próprio Merleau-Ponty disse: *“Não é típico da filosofia, a escolha entre as transcendências – por exemplo, entre a de Deus e a do homem; antes, o esforço constante de todas as filosofias foi de mediar tais transcendências”* (apud Mondin, 1997, p 408).

É concordável aquilo que Merleau-Ponty falou, pois, não queremos aqui comparar o grau de transcendência do homem com Deus. Como fizera muitos filósofos. Mas sim, demonstrar que o homem direciona-se rumo ao absoluto. Pois, só esse absoluto pode dar um sentido à paixão do homem pela sua infinitude e que só Ele pode esgotar essa paixão. Por isso, por mais que o homem tente no plano imanente saciar as suas necessidades, sempre irá ficar uma interrogação; não é por isso?

Logo se pode concluir que, é só em Deus que o homem tem futuro. Assim, encontrará a verdade, e encontrando-a atingirá a plenitude da vida.

## CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi elaborado, podemos perceber que dentre todos os animais existentes, ou melhor, de tudo que existe no mundo, somente o homem é um ser insaciável, sempre está relacionando com outros seres e em busca de algo ou alguém, que possa satisfazer suas necessidades.

O mundo é um sinal disso. A realidade evoca uma outra. Para ser fiel à sua natureza e à natureza desta evocação, a razão deve admitir a existência de alguma outra coisa que sustente e explica que tudo. Mas, se por natureza o homem intui o além, por uma condição existencial, não se mantém e cai. A intuição é como um ímpeto que decai. Como por uma força de gravidade triste e mal.

A realidade é um sinal que desperta o senso de busca do transcendente. Mas existiram e existem algumas linhas filosóficas que negaram essa busca ou interpretaram mal como: os existencialistas, marxistas etc. onde existencialmente, o homem é levado a interpretá-lo, isto é, prematuramente, impacientemente. Assim, com a soberba humana, o relacionamento com o absoluto se corrompe. Mas este homem, no seu íntimo, continua a possuir as pertinentes questões que faz referência ao transcendente. Esta é a mais sintética descrição da situação existencial dessa insaciabilidade da humanidade.

De muitos modos, então, o ser humano vem gritando a necessidade de uma libertação desta complicada prisão da impotência e do erro, diante do Ato Puro, Sumo Bem, imutável.

Todavia, eis porque é justo aceitar a transcendentalidade do nosso ser, e dizer, que crer em Deus é muito mais que juízo de Espírito: é uma atitude de coração, um comportamento concreto, uma conformidade moral. Nunca a palavra de Platão foi mais verdadeira, segundo a qual se “crê com toda a alma”. A crença, se completa e se confirma pela alegria e pela paz que traz quando é verdadeiramente vivida. Para quem, não só aceita, mas pratica a verdade, o Deus oculto torna-se logo, segundo a palavra de Pascal, o “Deus sensível ao coração”. Presente entre nós - não como panteísmo - mas pelas criaturas revelarem a face do seu criado. Sendo levada a buscar a semelhar-se com Ele, que é a fonte inesgotável de felicidade, ou melhor, a suma felicidade. Eis o motivo pelo qual o homem sempre está a si questionar, pois, este nem sempre tem aceitado Deus como o Outro

totalmente Outro. Por isso, chegando sempre ao final de suas ações afirma, não è por isso.



## REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Trad. De Alexandre Correia. 2 ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina. 1980.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2002.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. trad Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BÍBLIA Jerusalém. Nova edição, revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

GIUSSANI, Luigi. *O Senso Religioso: curso básico de cristianismo*. Vol. I. São Paulo: Editora C. I. Ltda, 1988.

JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1998.

JOLIVET, Régis. *Curso de Filosofia*. trad. Eduardo Prado de Mendonça. 10 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970.

\_\_\_\_\_. *Curso de Filosofia*. trad. Eduardo Prado de Mendonça. 16 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

LUCAS, Ramon Lucas. *El Hombre Espiritu Encarnado*. 2. ed. Salamanca: Segue-me, 1999.

MARITAIN, Jacques. *Problemas Fundamentais da Filosofia Mora'l*. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

MONDIN, Battista. *Quem é Deus?* São Paulo: Paulus, 1997.

MORUJÃO, Alexandre Fradique. *Intersubjetividade*: in: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. São Paulo: Verbo, 1997, vol.2, p.1478 - 1479.

RABUSKE, Edvino A. *Antropologia Filosófica*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Antropologia Filosófica*. Porto Alegre, RS: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

SARTRE, Jean-Paul Sartre. *O ser e o nada*. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

WOJTYLA, Karol. *Persona e atto*. Vaticano: Vaticana, 1980.

